

NAS ONDAS DO RÁDIO: TRAJETÓRIA DE ELLEN DE LIMA

ON THE RADIO WAVES: ELLEN DE LIMA'S TRAJECTORY

Raimundo Cézar Vaz Neto¹

Maria Izilda Santos de Matos²

Resumo: Este trabalho objetiva rastrear a trajetória artística de Ellen de Lima, dentro do campo da História Cultural e na perspectiva da História e Música. Nascida em Salvador (1938), ainda criança se instalou no Rio de Janeiro, nos fins dos anos 1940, iniciou sua trajetória artística participando de programas de calouros, tornou-se cantora profissional, atuando no rádio e apresentando-se em shows. A pesquisa prioriza como documentação a *Revista do Rádio* (1948-1970) e outros periódicos (1950 a 1970), incluindo entrevistas, memórias e depoimentos da artista, programas de rádio e TV, além de vídeos e shows.

Palavras-chaves: Ellen de Lima; Rádio; História e Música.

Abstract: This work aims to trace Ellen de Lima's artistic trajectory, within the field of Cultural History and from the perspective of History and Music. Born in Salvador (1938), as a child she settled in Rio de Janeiro at the end of the 1940s, began her artistic career participating in freshman programs, became a professional singer, performing on the radio and performing in shows. The research prioritizes *Revista do Rádio* (1948-1970) and other periodicals (1950 to 1970) as documentation, including interviews, memories and testimonials from the artist, radio and TV programs, as well as videos and shows.

Keywords: Ellen de Lima; Radio; History and Music.



10.23925/2176-4174.36.2025e68900

Recebido em: 29/10/2024.

Aprovado em: 18/02/2024.

Publicado em: 13/04/2025.

¹ Doutorando em História (PUC-SP). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6174-9187> E-mail: rcvazneto@hotmail.com

² Doutora em História (USP). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4109-3747> E-mail: mismatos@pucsp.br



Introdução

Nós somos as cantoras do rádio
Levamos a vida a cantar
De noite embalamos seu sono
De manhã nós vamos te acordar

Nós somos as cantoras do rádio
Nossas canções cruzando o espaço azul
Vão reunindo num grande abraço
Corações de norte a sul

Canto para te ver mais contente
Pois, a ventura dos outros
É alegria da gente
Bum-bum-bum, bum-bum, bum-bum
Bum-bum-bum

A famosa canção³ de autoria de João de Barro, Alberto Ribeiro e Lamartine Babo, gravada inicialmente por Carmen Miranda e sua irmã Aurora Miranda (1936), também fez sucesso na voz de Ellen de Lima, uma das últimas ditas “cantoras do rádio” ainda viva.

Este trabalho tem como objetivo rastrear a trajetória artística de Ellen de Lima, dentro do campo da História Cultural e na perspectiva da História e Música⁴, prioriza como documentação a *Revista do Rádio* (1948-1970) e vários outros periódicos publicados entre 1950 e 1970, também inclui entrevistas, memórias e depoimentos da artista, programas de rádio e TV, além de vídeos de shows e suas postagens nas redes sociais.

Enfrentar o desafio de rastrear a trajetória de Ellen englobou vários questionamentos sobre os primórdios da carreira, os programas de auditório de que participou, as emissoras nas quais trabalhou, suas gravações e sucessos, a presença

³ O termo “canção” será utilizado em lugar de “música”, abrangendo principalmente a letra, o universo que se verbaliza cantando. As canções, ao mesmo tempo que são manifestações artísticas, também apresentam aspectos da vivência e sensibilidade de seus produtores e ouvintes.

⁴ A perspectiva História e Música diferencia-se da história da música, incorpora várias questões e abordagens, como: a trajetória de artistas (compositores, intérpretes, músicos, regentes, produtores musicais e outros agentes), observando a formação, obra e produção desses protagonistas; incorpora a pesquisa de diferentes estilos, gêneros e movimentos musicais (eruditos e populares); observa circuitos culturais, boêmios e de sociabilidade; a veiculação, consumo, formas de circularidade e recepção das canções; incluindo os gostos musicais vistos como elementos constitutivos de diversos momentos históricos e estratégicos na construção das subjetividades (MATOS, 2005; NAPOLITANO, 2002).

na *Revista do Rádio*, quais os shows, programas e espetáculos dos quais participou e, principalmente, os porquês do esquecimento e invisibilização do seu protagonismo como intérprete na história da música popular brasileira.

Pelas ondas do rádio: na busca pelo sucesso

Com a implantação e rápida propagação da radiodifusão (crescimento do número de emissoras e acessibilidade ao aparelho)⁵, o rádio passou a ter uma presença cada vez maior na vida das pessoas, informando-as, divertindo-as e emocionando-as, tornando as décadas de 1930 a 1950 conhecidas como a “era de ouro do rádio”.

Durante o governo Vargas,⁶ o rádio foi valorizado como ferramenta de propaganda política, sendo identificado como instrumento de educação e cultura a serviço do Estado⁷, veículo estratégico no projeto de integração nacional (CAPELATO, 1998; PANDOLFI, 1999; PARANHOS, 1999; VELLOSO, 1982). O governo regulamentou e favoreceu a expansão da radiodifusão⁸, processo em que se destacaram as emissoras do Rio de Janeiro, entre elas a Rádio Nacional, que mantinha todo o Brasil sintonizado com a Capital Federal – entretanto, o sistema se estendeu por todo o país e se articulou à circulação nacional de publicações especializadas, como a *Revista do Rádio* (JAMBEIRO, 2004).

⁵ No início do Estado Novo, eram 63 as estações existentes; em 1945, já totalizavam 111. Quanto aos aparelhos de rádio, de 357.921, em 1937, atingiram a cifra de 659.762, em 1942 (CAPELATO, 1998, p. 77).

⁶ O envolvimento de Vargas com a classe artística iniciou quando ele era deputado, através da aprovação da Lei Getúlio Vargas (Decreto Legislativo 5.492, de 1926), que estabelecia a obrigatoriedade de pagamento de direitos autorais por todas as empresas que lidassem com música. Já como presidente, em 1931, interferiu na greve das emissoras, que protestavam contra a decisão governamental de atender à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) e aumentar os direitos autorais das transmissões radiofônicas. Getúlio manteve seu prestígio no meio artístico por atitudes corteses, pela aproximação com artistas e cantores populares, que, em momentos festivos, apresentavam-se no Palácio Guanabara (CAPELATO, 1998).

⁷ A Agência Nacional de Notícias ampliou sua atuação por meio de diferentes veículos (imprensa escrita, rádio, cinema, entre outros), também foram produzidos livros, revistas e jornais, folhetos panegíricos, materiais impressos (jornais, cartazes, fotografias, retratos, pinturas, esculturas), cinejornais e documentários cinematográficos, além dos programas de rádio (com destaque para Hora do Brasil). *Idem*. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. (PANDOLFI, 1999; PARANHOS, 1999; VELLOSO, 1982).

⁸ As emissoras regulares de rádio instalaram-se em 1923; a política de regulação da radiodifusão foi estabelecida por decretos governamentais em 1931 e 1932. O Decreto-lei n. 21.111, de 01/03/1932, possibilitou a introdução de anunciantes.

O rádio era visto como uma usina geradora de emoções, visando despertar o envolvimento dos ouvintes, entre outros aspectos, com a política. A identificação do rádio como signo de modernidade e veículo de comunicação possibilitou o crescimento da divulgação de propagandas. As emissoras adquiriram caráter comercial e voltado para o entretenimento, com programação variada e diária, o que permitiu a contratação e manutenção de empregados fixos, elenco de cantores, músicos, artistas, favorecendo a profissionalização do setor.

A programação das rádios se diversificou, passando a incluir transmissões esportivas, jornalismo, teatro e novelas, programas humorísticos, religiosos e musicais. Pelas ondas do rádio se divulgava uma produção musical variada – rítmica e poeticamente – e se estabelecia e generalizava um mercado discográfico em que as expressões do popular e nacional, em transformação, conviviam com o erudito⁹ e o internacional (MATOS, *Op. cit.*, 2005).¹⁰ Essa foi uma conjunção fértil para o processo de popularização/nacionalização do samba¹¹, que se afirmou como símbolo nacional, em sintonia com a política cultural vigente (VIANNA, 1995; PARANHOS, 2015; MATOS, 1982).

Ellen de Lima, como caloura e intérprete, experienciou esse processo, viveu o fervor dos programas de auditório de rádio, foi uma das muitas vozes que ecoavam pelas ondas do rádio e cuja imagem se fazia presente nos periódicos ilustrados, como a *Revista do Rádio*.

O início da carreira: programas de calouros e de auditório

Helenice Teresinha de Lima Pereira de Almeida, conhecida pelo seu nome artístico, Ellen de Lima, nasceu em Salvador/Bahia (1938), a família se transferiu para

⁹ O Estado Varguista estimulou uma produção musical erudita que exprimisse brasiliidade, civismo e nacionalismo (WISNIK, 1983; CONTIER, 1998).

¹⁰ As rádios passaram a abrir espaço para a música popular, promovendo as gravações, incentivando o processo de difusão do mercado do disco. A divulgação ficava a cargo dos programas de maior audiência e de toda uma série de revistas especializadas. O sistema rádio-disco consagrou um formato de canção, “miniatura de três minutos”, influenciando as composições quanto à forma, aos arranjos e à interpretação (MATOS, 2005).

¹¹ O samba nas origens foi produzido e consumido em redutos populares (Gamboa, Lapa, Estácio e nos “morros”), passou a ser difundido pelo rádio/disco e transformou-se na “música brasileira por excelência” (apesar de ter sido reprimido e censurado em certos momentos e estilos - samba da malandragem). Observam-se diferentes tendências: samba de roda, samba-enredo, samba da malandragem, samba apologético nacionalista e samba-canção, de conteúdo afetivo-apaixonado, lírico-amoroso ou de dor de cotovelo (VIANNA, 1995; PARANHOS, 2015; MATOS, 1982).

o Rio de Janeiro dois anos mais tarde. Desde menina se apresentava em programas de calouros, por esse canal iniciou sua trajetória artística.

Os programas de calouros eram uma possibilidade para os que buscavam ingressar na carreira artística e conseguir uma colocação no rádio, podiam revelar novos talentos. Destacavam-se os programas de Ary Barroso, Renato Murce, César Ladeira, César de Alencar, Almirante e Paulo Gracindo, entre outros. Os premiados ou vencedores dos programas às vezes recebiam prêmios ou dinheiro, além disso, tinham a possibilidade de conseguir trabalho em boates prestigiadas e, se tivessem sorte, o convite para a gravação de um disco, ou seja, um passo inicial na carreira.

Nos programas de calouros os pretendentes deveriam se preparar e ter coragem e confiança de enfrentar o temido júri, o deboche e o gongo que tocava quando desafinavam e/ou erravam o tom da canção, também de encarar as manifestações do público, que reagia aplaudindo e/ou vaiando. Dalva de Oliveira (que depois se tornaria cantora famosa e uma das Rainhas do Rádio), no início de sua trajetória, ainda caloura, foi ironizada pelo apresentador Ary Barroso, que disse que ela não cantava nada e que o melhor mesmo seria continuar lavando roupa (DUARTE, RIBEIRO, 2009).

Todavia, nem todos os programas eram assim, Raquel de Queiroz registrou em crônica na *Folha Carioca* (19 de agosto de 1944) que o “Campeonato Brasileiro de Calouros”, de Almirante, na Rádio Nacional, era diferente, “a falta de chicote, da chufa rude [...] verifica com surpresa que o homem leva o seu trabalho a sério, que se respeita, respeita o ouvinte e respeita o calouro [...]. Trata o calouro como um ente humano” (CABRAL, 1990).

Ellen, rememorando o início da sua trajetória, menciona a participação como caloura, ainda menina, no Programa do Guri, na Rádio Mauá, e depois em vários outros: Programa do Ary Barroso; A Hora do Pato, de Jorge Cury; Papel Carbono; Programa de Calouros de César de Alencar, na Rádio Nacional; e Alvorada dos Novos, da Rádio Mayrink Veiga, pela qual foi contratada em 1954.¹²

Os programas de auditório eram espaços para divulgação musical, neles se lançavam novas canções e se interpretavam os sucessos do momento. Entre as

¹² Ellen rememora que, nos anos de 1950, ainda muito jovem, ela juntamente com Marisa Gata Mansa, Alaíde Costa e Claudette Soares sempre se apresentavam e venciam os programas de calouros, então elas combinaram que não participariam do mesmo programa no mesmo dia, para não terem de dividir os prêmios.

cantorais que se destacavam estavam Carmen Miranda, Irmãs Batista, Dalva de Oliveira, Carmélia Alves, Helena de Lima, Ângela Maria, Marlene, Elizeth Cardoso, Dolores Duran, entre outras.¹³

Seguindo a trajetória na busca de inserção, Ellen trabalhou em diferentes frentes: nos finais de semanas apresentava-se na Parada dos Maiorais, programa de César de Alencar, na Rádio Nacional; na mesma emissora substituía as cantoras quando se ausentavam¹⁴; contracenava com Roberto Faissal, cantava e apresentava; além de suas múltiplas atividades que incluíam trabalhos de locução (PROGRAMA RE-VISTA, 2010).

A Rádio Nacional era a emissora mais importante do país, com altos índices de popularidade. Referência para as demais emissoras, ela atingia todo o país, contava com expressiva verba oficial e se tornou o principal veículo de disseminação da propaganda do governo. A Nacional era a mais importante emissora da América Latina, em 1942, após a inauguração do seu transmissor de ondas curtas, transformou-se em uma das cinco mais potentes do mundo. Contava como elenco fixo, composto de músicos, cantores, radio atores, humoristas e técnicos (MATOS, 2016).

Outras emissoras de destaque do Rio de Janeiro eram a Rádio Tupi e a Mayrink Veiga, esta contava em seu elenco com nomes como Antônio Maria¹⁵, Luiz Gonzaga, Dalva de Oliveira, Ângela Maria, Ellen de Lima e outros. Alguns artistas, quando começavam a se destacar, passavam para a Nacional, alguns cantores poderiam ter contratos simultâneos com mais de uma emissora.

Segundo Ellen, nos anos 1950 o rádio tinha uma “magia”, veiculava somente a voz dos artistas, mas muitos deles participavam de shows e faziam excursões pelo país. Além disso, contava-se com divulgação das imagens nos periódicos especializados, como a *Revista do Rádio*, e, posteriormente, através da TV.

¹³ Nesse período, o sonho glorioso da fama como artista do rádio esteve presente no imaginário de muitas jovens, apesar de todo o preconceito que ainda pairava sobre a atividade, o que foi vivido e rememorado por cantoras como Ângela Maria, Marlene, Emilinha Borba, Hebe Camargo, Dalva de Oliveira, entre outras. Ellen de Lima declarou que contou com o apoio constante da mãe, que sempre a acompanhava em suas apresentações.

¹⁴ Nas emissoras de rádio, em particular na Rádio Nacional, havia uma hierarquia entre os contratados e os substitutos. Exercer a atividade de substituta exigia o conhecimento do repertório de várias outras cantoras, também versatilidade na interpretação de diferentes gêneros e estilos musicais. (PROGRAMAREVISTA. 2010).

¹⁵ Antônio Maria foi atraído para a Mayrink Veiga quando a emissora lhe ofereceu o maior salário da rádio de então (MATOS, 2022).

Ellen de Lima era uma negra bonita, de rosto arredondado, olhos amendooados e sorriso irradiante em lábios sensuais, estava sempre elegante, tinha uma boa presença no palco e se apresentou em vários espetáculos. Inicialmente, sofreu influência de Ângela Maria na forma de cantar, mas, na sua trajetória, suas performances se transformaram e adquiriram estilo próprio.

Imagen 1 - Ellen de Lima na juventude, s/d.



Fonte: GORDILHO, 2023.

Viver e sobreviver: profissionalização e gravações

Em 1954, “Valsa de uma cidade”, de Antônio Maria e Ismael Netto, gravada por Lúcio Alves, fazia uma menção afetiva à cidade do Rio de Janeiro.

Vento do mar no meu rosto
E o sol a queimar, queimar
Calçada cheia de gente a passar
E a me ver passar
Rio de Janeiro, gosto de você
Gosto de quem gosta
Deste céu, desse mar, dessa gente feliz

Bem que eu quis escrever
Um poema de amor e o amor
Estava em tudo que eu quis
Em tudo quanto eu amei
E no poema que eu fiz
Tinha alguém mais feliz que eu
O meu amor
Que não me quis
Vento do mar no meu rosto
E o sol a queimar, queimar
Calçada cheia de gente a passar
E a me ver passar...

Nesse mesmo ano, Ângela Maria esteve presente nas paradas de sucesso com “Vida de Bailarina” (Chocolate e Américo Seixas) e Lúcio Alves dialogava com Dick Farney num outro o sucesso, “Teresa da Praia” (Billy Blanco e Tom Jobim). Cauby Peixoto levava todos à pista e as fãs à loucura quando cantava “Blue Gardenia” (Bobo Russel e Lester Lee), sucesso internacional na voz de Nat King Cole.

Em 23 de julho, Marta Rocha, então Miss Brasil, foi classificada em segundo lugar no Concurso de Miss Universo. Ava Garden se hospedou no Copacabana Palace e, em dezembro, Carmen Miranda chegaria ao Rio de Janeiro, foi sua última visita ao país, foi nessa ocasião acusada de “retornar americanizada”.

Em agosto desse mesmo ano, Vargas declarava em sua carta-testamento: “Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história.” O suicídio do líder populista causou grande tristeza e comoção popular, expressando o que muitos sentiam (GOMES, D'ARAÚJO, 1989; FERREIRA, 2005; FERREIRA, 2019).¹⁶ Num país assentado numa *tenra democracia*, que duraria pouco, vivenciava-se um clima existencial marcado pela dor e pelo amor (tão cantados no samba-canção¹⁷), também pela esperança da redescoberta do ser humano, da libertação de tabus e de dependências conservadoras (MATOS, 2005).

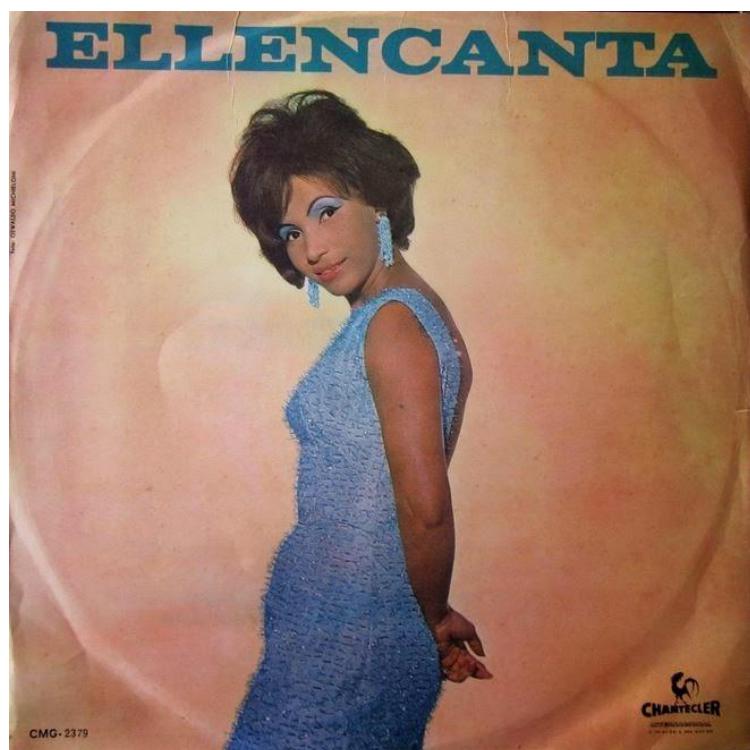
¹⁶ Foram muitas as transformações no pós-Segunda Guerra, em finais de 1944 se prenunciava o término do Estado Novo (1937-1945) e, diante de pressões crescentes, Getúlio foi deposto em outubro de 1945. O retorno de Getúlio Vargas ao Catete ocorreu em 1951, eleito pelo voto popular, contudo, não finalizaria seu mandado, ante a crise institucional ampliada depois do incidente da Rua dos Toneleros (agosto de 1954), cresceram as pressões e a coação dos militares (Manifesto dos Generais). Encurrulado entre a renúncia ou a deposição, Vargas se suicidou em 24 de agosto de 1954. (GOMES, D'ARAÚJO, 1989; FERREIRA, 2005; FERREIRA, 2019).

¹⁷ Nos anos 1950, amar era sinônimo de sofrer, cantado num estilo musical em voga nesse período: o samba-canção. Esses sambas falavam de amores impossíveis, paixões proibidas, infidelidades e esperas sem fim. (MATOS, 2005).

Nesse ano de 1954, Ellen de Lima começou sua vida profissional, foi contratada pela Mayrink Veiga, com um salário de 3.500 cruzeiros, declarava-se “satisfeitíssíssima” (SANTOS, 1996). Já em 1957, transferiu-se para a Rádio Nacional.¹⁸ Também em 1954, gravou seu primeiro disco pela Columbia, que incluía as canções “Até você” (Armando Nunes), um de seus maiores sucessos, e “Melancolia” (Allain Romano, em versão de Capitão Furtado). Ainda nesse ano, gravou “Concordemos” (Othon Russo e Nazareno de Brito) e “Um Pouco de Amor” (“Un Peu d’Amour” Lao Silesu e Nilson Fischer, em versão de Capitão Furtado). (REVISTA DO RÁDIO. 1957, p. 45).

Já em 1955, gravou “Lago azul” (Waldir Rumbelsperger e Valter Gonçalves) e “Telefona outra vez” (Sátiro de Melo e Almeida Batista). Mas foi em 1956, com a interpretação do bolero “Vício” (Fernando Cesar), que garantiu a quinta colocação entre os *Discos Mais Vendidos*, segundo a *Revista do Rádio*.

Imagen 2 - Capa do LP *Ellen... Canta!* (Gravadora: Chantecler, 1966).



Fonte: INSTITUTO MEMÓRIA MUSICAL BRASILEIRA - IMMUB. *LP Ellen... Canta!*
Disponível em: <https://immub.org/album/ellen-canta>. Acesso em: 11 abr. 2024.

¹⁸ Foi contratada pela Socipral (Organização Victor Costa que congregava a Rádio Mayrink Veiga, a Rádio Nacional de São Paulo e a do Rio de Janeiro) para apresentar-se nessas cidades. (DICIONÁRIO Cravo Albin. [2024](#))

Em 1958, gravou “Sucedeu assim” (Tom Jobim), “Tu e eu” (Altamiro Carrilho e Armando Nunes) e “Tudo ou nada” (Fernando César). Em 1959, já na Columbia, “A noite do meu bem” (Dolores Duran) e “Arrependimento” (Fernando César e Dolores Duran).

Na sua discografia, merece destaque “Canção das Misses” (Lourival Faissal, 1963), um de seus maiores sucessos. Ellen rememora que, nos bastidores do Programa do César, o compositor Lourival Faissal “perguntou ‘você seria capaz de mostrar essa música agora? Eu fiz para o concurso de Misses Brasil’, ele dedilhou no piano... eu fui cantarolando com ele, entramos em seguida na programação” (PROGRAMA RE-VISTA, 2010).

Os Estados brasileiros se apresentam
Nesta festa de alegria e esplendor
Jovens misses seus Estados representam
Seus costumes, seus encantos, seu valor.
Em desfile nossa terra, nossa gente
Pela glória do auriverde em céu de anil
Sempre unidos
Leste, Oeste, Norte, Sul
Na beleza das mulheres do Brasil.

Ellen gravou vários LPs, o primeiro intitulado *Ellen* (1957); o segundo, *Ellen de Lima*, pela RCA Victor (1960); o terceiro, “*Ellen... Canta*”, pela Chantecler (1966); o quarto, *Ellen de Lima*, pela Odeon (1969). Depois de um hiato nas gravações, Ellen retornou ao disco em 1991, em *As eternas cantoras do Rádio*, obra coletiva com Carmélia Alves, Nora Ney, Violeta Cavalcanti, Zezé Gonzaga e Rosita Gonzales. Seguido de *As eternas cantoras do Rádio - vol. 2* (CID), álbum lançado no ano seguinte (1992), com as mesmas parcerias.

Imagen 3 - Capa do LP/CD *As eternas cantoras do rádio - vol. 2* – Ellen de Lima, Carmélia Alves, Nora Ney, Violeta Cavalcanti, Zezé Gonzaga e Rosita Gonzales (Gravadora: CID / 1992).



Fonte: INSTITUTO MEMÓRIA MUSICAL BRASILEIRA - IMMUB. *As eternas cantoras do rádio - vol. 2*. Disponível em: <https://immub.org/album/as-eternas-cantoras-do-radio-vol-2-carmelia-alves-ellen-de-lima-nora-ney-violeta-cavalcanti-zeze-gonzaga-e-rosita-gonzales>. Acesso em: 11 abr. 2024.

A carreira de Ellen começou ao lado de novas cantoras como Carminha Mascarenhas, Rosita Gonzales, Zezé Gonzaga, Luciene Franco, Elza Laranjeira, Claudete Soares, Hebe Camargo, Doris Monteiro, Marisa Gata Mansa, Alaíde Costa, entre outras, convivendo com as reconhecidas Irmãs Batista (Linda e Dircinha), Dalva de Oliveira, Emilinha Borba, Marlene, Ângela Maria e Dolores Duran. Entre os novos intérpretes, surgiam Gilberto Alves, Gilberto Milfont, Ruy Rey, Carlos José; mantinham o sucesso Ivon Curi, Orlando Silva, Cauby Peixoto, Nelson Gonçalves e Jorge Goulart.

Destacavam-se entre os compositores Antônio Maria, Luiz Bonfá, Billy Blanco, Klécius Caldas, Armando Cavalcanti, Jota Júnior, além da geração ainda na ativa, como Braguinha, Haroldo Barbosa, Herivelto Martins, Lupicínio Rodrigues, Marino Pinto, Wilson Batista, Geraldo Pereira e Hervé Cordovil (FAOUR, 2001). Entre as mulheres letristas, Dolores Duran se destacou, gerando mudanças significativas no campo da autoria, suas canções falavam das emoções e dos sentimentos femininos,

abrindo, assim, espaço para as compositoras. Dolores faleceu em 1959, muito jovem, com apenas 29 anos (MATOS, 2005)¹⁹, deixando registrada sua presença no cancioneiro nacional.²⁰ Ellen de Lima gravou dessa compositora “Arrependimento” e “A noite do meu bem”.²¹

A Revista do Rádio e as Rainhas do Rádio

Os artistas se conectavam com seu público pelas ondas do rádio, mas também poderiam ser acompanhados pelos periódicos, com destaque para a *Revista do Rádio*, que era amplamente ilustrada. Surgida em 1948, sob a direção de Anselmo Domingos, tornou-se o principal veículo para divulgar shows, programas, gravações, viagens, além dos contratos e conflitos profissionais “dos verdadeiros ídolos do povo”. Também divulgava aspectos da vida privada – amores e desamores, namoros, noivados, casamentos, separações, nascimento de filhos, entre outros –, converteu-se no segundo periódico mais lido no país.

Pela análise das matérias, observa-se o reforço de padrões de feminilidade vigentes, questionando procedimentos e divulgando as imagens das artistas como boas mães e esposas. Entre muitos exemplos, cabe lembrar a coluna “24 Horas na Vida da Artista”, com reportagens fotográficas, nas quais apareceram Dalva de Oliveira, Carmélia Alves, Elizeth Cardoso, Carmen Costa, entre outras.²²

Ellen de Lima despontou artisticamente na década de 1950, também teve sua vida particular exposta nas reportagens, insinuando namoros e casamentos. Quando de uma entrevista em 1963, foi inquerida: “- Me diga agora, uma confissão *super-*

¹⁹ Dolores Duran faleceu de ataque cardíaco fulminante em 24 de outubro durante a noite, o corpo só foi descoberto no dia seguinte e a notícia do falecimento se divulgou rapidamente, causando comoção entre amigos e admiradores. (MATOS, 2005).

²⁰ Na trajetória de Dolores Duran como compositora, cabe destacar uma primeira fase em que ela fazia os versos e o parceiro, a melodia; posteriormente, ela fazia a letra e a música: “A Noite do Meu Bem”, “Castigo”, “Fim de Caso”, “Noite de Paz (Dá-me Senhor)”, “Solidão”. Em parceria: “Estrada do Sol” (com Tom Jobim), “O Negócio É Amar” (com Carlos Lyra), “Olhe o Tempo Passando” (com Édson Borges), “Por Causa de Você” (com Tom Jobim), “Se é Por Falta de Adeus” (com Tom Jobim), “Se Quiseres Chorar” (com Carlos Lyra), “Ternura Antiga” (com Ribamar), “Vou Chorar” (com Lúcio Alves). (MATOS, 2005).

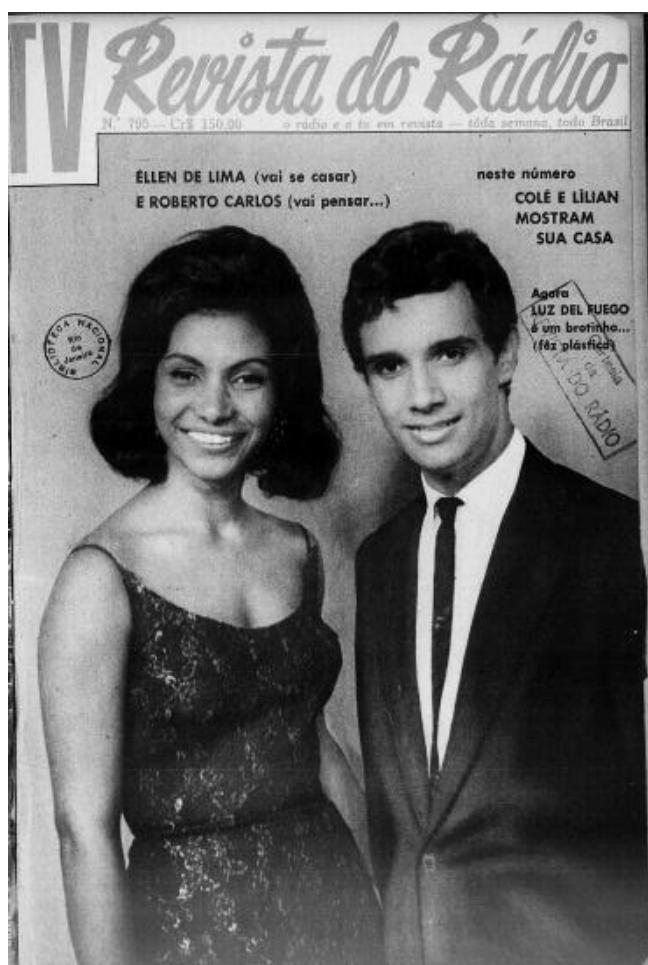
²¹ “A noite do meu bem” é considerada uma das mais belas canções brasileiras, foi gravada e interpretada por vários cantores, inicialmente, por Elza Laranjeira, Carlos José, Marisa, Agostinho dos Santos e Ellen de Lima. (MATOS, 2005).

²² Ellen de Lima se casou com Valentim, teve três filhos – Isabella Christiane, Gustavo Almeida e Rodrigo Almeida –, que são cantores. Rodrigo costuma se apresentar ao lado da mãe, nos palcos do Rio de Janeiro.

secreta... [Ellen] - Confesso que vou casar, sim... Mas só quando aparecer um noivo!"
REVISTA DO RÁDIO. 1963, nº. 737, 2 nov., p. 25.

Em dezembro de 1964, a matéria de capa da *Revista do Rádio* estampava Ellen de Lima e Roberto Carlos, com a chamada "Ellen de Lima (vai se casar) e Roberto Carlos (vai pensar...)". Com o título "Coração de Ellen de Lima já tem dono", seguido da sinopse "Sempre elegante e agora ainda mais feliz, Ellen de Lima não esconde que em breve estará ouvindo a emocionante marcha nupcial", a matéria resgatou a trajetória profissional da artista e suas qualidades, como a habilidade no bordado. Na parte da entrevista, ela foi inquerida sobre "qual será a maior emoção fora da vida de cantora?", e respondeu: "Não resta dúvida que poderá ser o casamento". (REVISTA DO RÁDIO, 1964, n.795, p. 8-9)

Imagen 4 - Ellen de Lima e Roberto Carlos na capa da *Revista do Rádio*, 1964.



REVISTA DO RÁDIO. Rio de Janeiro, nº. 795, 12 dez. 1964, p. 8-9. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/144428/per144428_1964_00795.pdf. Acesso em: 11 abr. 2024.

A *Revista do Rádio* e a Associação Brasileira de Rádio organizavam o concurso de Rainha do Rádio, esse era considerado o posto mais expressivo para uma cantora. Ser eleita Rainha do Rádio elevava a importância da artista e seu cachê, ampliava suas aparições em filmes e shows. Eleger uma Rainha do Rádio não era apenas uma questão de popularidade, dependia dos apoios angariados, além de outros aspectos. No concurso, as artistas vendiam os votos aos patrocinadores e fãs, que remetiam os valores para a Associação Brasileira de Rádio, na qual eram contabilizados, esses recursos visavam financiar a fundação do Hospital dos Radialistas (HUPFER, 2009).

A coroa de Rainha do Rádio foi de Linda Batista (1947), Dircinha Batista (1948), Marlene (1949), Dalva de Oliveira (1951), Mary Gonçalves (1952), Emilinha Borba (1953), Ângela Maria (1954), Vera Lúcia (1955). Com a proposta de renovação, foram buscadas cantoras mais jovens e emergentes, como Dóris Monteiro, eleita duas vezes, em 1956 e 1957, e Julie Joy (1958). Em condecorações para cantoras, Ellen de Lima foi Rainha dos Músicos (1960) e Madrinha da Polícia Rodoviária Federal (1969). (DICIONÁRIO, Cravo Albin, 2024).

Nos palcos e nas redes sociais

Nos anos de 1950, Copacabana era o centro da vida da então Capital Federal, a praia era o seu cartão-postal e era bairro “quente” da noite carioca. Antônio Maria escrevia no seu “Roteiro Boêmio de Copacabana” que esta era frequentada pelo *high society*, cronistas, jornalistas, compositores, políticos, paulistas ricos em férias e solitários em busca de refúgio. Nesse período, quem tinha dinheiro e queria se divertir ia para Copacabana, lá se encontrava o cardápio mais sofisticado e as melhores boates (Vogue, Copa, Beguine, Little Club, Baccarat, Casablanca, Acapulco, Montecarlo, Bambú, Siroco, Mocambo).

As apresentações musicais estavam entre as principais atrações nas boates, pares enamorados espalhavam-se pelas mesas, envoltos na atmosfera musical, num cantar sussurrado evocando amor magoado e dor de cotovelo, cantados nos estilos em voga – boleros e sambas-canção. Também eram boas opções o Beco das Garrafas, no qual as madrugadas eram intermináveis – música, bebida, ensaios, promessas, talentos circulando à procura de oportunidade.

Os sucessos do rádio se apresentavam na noite de Copacabana, Ellen rememora o show no Copacabana Palace dirigido por Haroldo Costa e outras participações suas em boates na área. Como cantora da noite, ela tinha de ter versatilidade, dominar um repertório amplo e variado, cantar de tudo, essas competências foram sendo adquiridas no cotidiano das suas apresentações.²³

Ellen tinha domínio de palco, destacando-se pela *mise-en-scène* e pelo gingado. Era uma artista de múltiplas facetas, cantava diferentes gêneros e estilos musicais, atingindo o público pela simplicidade, interpretava as canções com uma voz afinada, de forma intimista e, gradativamente, enveredou pelo *scat singing*²⁴, contribuindo para uma nova forma de cantar e, em certa medida, prenunciando o estilo bossanovista.

Amiúde os artistas se apresentavam em shows coletivos, um deles foi a Serenata da Vitória (maio de 1955), em homenagem aos ex-combatentes da Segunda Guerra na Itália, produzido pelas Organizações Victor Costa (articulava as Rádios Mundial e Mayrink Veiga), contando com a participação de Ellen de Lima, Silvio Caldas, Lana Bittencourt, Carmen Costa, Dalva de Andrade, Emilinha Borba, Blecaute (FAOUR, 2015).

Vinculado ao projeto de mudança da capital para Brasília, Juscelino Kubitscheck criou a Rádio Nacional de Brasília (1958). Para a inauguração da nova emissora, levou alguns artistas: Cauby Peixoto, Dalva de Oliveira, Nora Ney, Emilinha Borba, Marlene, Heleninha Costa, Luiz Gonzaga, Ivon Curi, também Ellen de Lima.

Tempos depois, em 1963, o espetáculo a Maior Noite do Ano, iniciativa da TV Tupi de São Paulo, que foi transmitido diretamente da Rua da Consolação, contou com a presença de Nelson Gonçalves, Ivon Curi, Jorge Goulart, Marlene, Emilinha Borba, Pery Ribeiro, Carminha Mascarenhas, Claudete Soares, Inezita Barroso, Marisa Gata Mansa, Jamelão, Ângela Maria e Ellen de Lima, entre outros artistas. A

²³ “O intérprete significa a canção”, ou seja, cada interpretação implica decompor e recompor a canção, podendo investi-la de novos sentidos e até de significados não pretendidos pelo autor. Para a análise dentro da perspectiva de História e Música, torna-se imprescindível observar a expressão da voz, o volume, inflexões e percursos atribuídos à linguagem. (ZUMTHOR, 2001; MORAES, 2000; TREECE, 2008; TATIT, 1987).

²⁴ Nesse período, aperfeiçoaram-se as técnicas de gravações, as antigas gravações cheias de chuviscos da Casa Edson e a exigência de um potencial vocal elevado (os cantores deveriam gritar durante o processo) foram abandonadas e as novidades técnicas criaram condições de transformação nas interpretações. O canto mais sussurrado, próprio para cantar o samba-canção de dor de cotovelo, encontra facilidades nessa nova conjuntura discográfica.

emissora paulista contratou todos esses artistas durante um ano. (FAOUR, 2015, p 406-407).

Outra programação que reuniu vários artistas (julho de 1967) foi Jovem Guarda Avançada do Samba, no Ginásio da Associação Atlética Sousa Cruz, na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, com a presença de Ellen de Lima, Elza Soares, Jair Rodrigues, Dircinha Batista, Nara Leão, Chico Buarque, demais artistas e a Velha Guarda do Samba.

No Teatro Municipal do Rio de Janeiro, dirigidos por Sérgio Cabral e Albino Pinheiro, vários foram os encontros entre artistas, com Dona Ivone Lara, Cauby Peixoto, Ângela Maria, Ademilde Fonseca e Ellen de Lima, cada um cantando suas músicas (FAOUR, 2001).

Nos anos de 1991-1992 iniciou-se o projeto *As eternas cantoras do rádio*, inicialmente, o grupo era formado por Carmélia Alves, Nora Ney, Violeta Cavalcanti, Zezé Gonzaga, Rosita Gonzales e Ellen de Lima.²⁵ O sucesso da iniciativa fez com que voltasse em 1999, mas com outra composição: Carmélia Alves, Violeta Cavalcanti, Rosita Gonzales, Ademilde Fonseca e Ellen de Lima.

Já em 2001, o espetáculo “As Cantoras do Rádio: Estão voltando as flores”, que contava com roteiro e direção de Ricardo Cravo Albin, ficou em cartaz no Teatro-Café Arena, no Rio de Janeiro. O elenco contava com Carminha Mascarenhas, Carmélia Alves, Violeta Cavalcanti e Ellen de Lima, o show percorreu o Brasil, sendo gravado um CD, pela Som Livre. O grupo continuou a se apresentar em 2002 e em 2003, no Teatro Ipanema. (DICONÁRIO Cravo Albin, 2024).

Em finais de 2003 e janeiro de 2004, Ellen se fez presente nos espetáculos “Ninguém me ama - Canto para Nora Ney” e “Tra-lá-lá-Lamartine é cem”, ambos com o grupo “Cantor as do Rádio”, com roteiro, direção e apresentação de Ricardo Cravo Albin.

Apresentou-se ao lado de Carminha Mascarenhas, Carmélia Alves e Violeta Cavalcanti no documentário “Cantor as do Rádio - Estão votando as flores” (2008). No ano seguinte, o espetáculo “Homenagem à época de ouro do Rádio”, do grupo Cantor as do Rádio, ocorreu na Academia Brasileira de Letras.

Ellen de Lima participou do show “Meio dia e meia”, produzido por Cravo Albin, no Centro Cultural Light (2012). No mesmo ano, o grupo Cantor as do Rádio se

²⁵ Foi homenageada pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro com a menção honrosa pelos serviços prestados à música brasileira.

apresentou na homenagem à cantora Marlene, por ocasião do 90º aniversário. (DICIONÁRIO Cravo Albin 2024)

Em 2014, junto a Lana Bittencourt e Adelaide Chiozzo, atuou no espetáculo “A Noite - Nas ondas da Rádio Nacional”, no teatro Rival BR. Em 2017, fez-se presente no Sábado e na Segunda-Feira de Carnaval no Baile da Cinelândia, promovido pela prefeitura do Rio de Janeiro. Na comemoração dos seus 86 anos, em 2024, realizou o show “Ellen de Lima: A Dama da Canção”, com o pianista Moisés Pedrosa, no Bottle’s Bar, em Copacabana.

Trabalhou com Paulo José e Joana Fomm no Teatro Opinião e participou de festivais e shows pelo Brasil e no exterior, merece destaque seu sucesso em várias temporadas no Cassino Estoril (Portugal).

Na TV, foi contratada pela Globo em 1964, atuou como atriz e cantora, participou do teleteatro ao lado de Fernanda Montenegro e Sérgio Britto. São poucos os espaços televisivos para artistas da geração de Ellen de Lima, em 2006 (com 67 anos), apresentou-se no programa Rei Majestade, de Silvio Santos, no SBT, nessa ocasião, resgatou-se um pouco da sua trajetória e ela interpretou a “Canção das Misses”, sucesso do seu repertório. Em 2019 e 2020, destacou-se na competição musical “Não Erre a Letra”, quadro do Programa Silvio Santos, no qual ela voltou a se apresentar recentemente.

Em setembro de 2018, Ellen de Lima iniciou uma conta no Instagram, na qual rememora suas aparições no rádio e na TV, fotos de família, com amigos e colegas (Cauby Peixoto, Luiz Melodia, Diogo Nogueira, Roberto Carlos, Luciene Franco, Dalva de Oliveira, Ângela Maria, Alaíde Costa, Claudete Soares, Elizeth Cardoso, Adelaide de Chiozzo, além dos apresentadores Chacrinha e Silvio Santos), além de divulgar sua agenda de shows e apresentações.²⁶

Considerações Finais

História e memória, apesar de suas especificidades, contemplam lembranças e esquecimentos, privilegiamentos e ocultamentos nem sempre conscientes e

²⁶[INSTAGRAM.@ellen_de_lima_oficial.](https://www.instagram.com/ellen_de_lima_oficial/)

Disponível

em:

https://www.instagram.com/ellen_de_lima_oficial/. Acesso em: 11 abr. 2024.

propositais. Este artigo buscou contribuir para tirar da invisibilidade²⁷ a trajetória de Ellen de Lima.

Durante a pesquisa, foram enfrentados desafios sobre o silenciamento de Ellen. Uma parte expressiva das referências a ela, dos rastros e vestígios da sua presença foi localizada em obras centradas em outros protagonistas, como Dalva de Oliveira, Herivelto Martins, Nora Ney, Cauby Peixoto, Dolores Duran, Antônio Maria, entre outros. (MATOS, 2005. DUARTE, RIBEIRO, 2009; SANTOS, 1996; HUPFER, 2009; FAOUR, 2001; FAOUR 2015; LENHARO, 1995)

Envolta na invisibilidade, sempre que a névoa que a encobria era dissipada, revelava-se toda a sua capacidade de reinvenção na busca pela empreitada de uma trajetória artística – sua participação nos programas de calouros, profissionalização no rádio, gravações, participações em shows no rádio e na TV, apresentações nas boates, teatros e em outros espetáculos. Merecem destaque suas atuações nos espetáculos e no grupo *As cantoras do rádio*, em diferentes momentos e locais o “grupo” se apresentou, nessas mais de duas décadas ocorreram várias composições, com mudanças das participantes, Ellen se manteve em todas as versões.

Nos seus 86 anos, Ellen de Lima é a memória viva da “era de ouro do rádio”, as histórias das mulheres artistas, como ela, compõem uma ampla agenda de investigações que ainda está por ser cumprida.

Referências

CABRAL, Sérgio. **No tempo de Almirante: uma história do rádio e da MPB.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

CAPELATO, Maria Helena R. **Multidões em cena: propaganda e política no varguismo e peronismo.** São Paulo: Papirus, 1998.

CONTIER, A. D. **Passarinhada do Brasil: Canto Orfeônico, Educação e Getulismo.** Bauru: EDUSC, 1998.

DICIONÁRIO Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Ellen de Lima. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/ellen-de-lima/>. Acesso em: 11 abr. 2024.

DUARTE, Ana; RIBEIRO, Pery. **Minhas duas estrelas - Uma vida com meus pais Dalva de Oliveira e Herivelto Martins.** Rio de Janeiro: Globo, 2009.

FAOUR, Rodrigo. **Bastidores: Cauby Peixoto - 50 anos da voz e do mito.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

²⁷ As situações que recorrentemente silenciam ou invisibilizam as mulheres abrangem vários aspectos distintos, especificidades culturais e históricas e o fato de as mulheres tenderem a deixar poucos vestígios diretos, escritos ou materiais, há uma espécie de silêncio das fontes (HATTON, 2017; PERROT, 2007; NASH, 1984).

FAOUR, Rodrigo. **Ângela Maria - A eterna cantora do Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular - 1945-1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FERREIRA, Jorge. **Crises da República: 1954, 1955 e 1961**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. Neves (et al.). **Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática. Vol. 3: Da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964 – Terceira República (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019, p. 309-346.

GOMES, Angela M. de Castro; D'ARAÚJO, Maria Celina. **Getulismo e Trabalhismo**. São Paulo: Ática, 1989.

GORDILHO, Mario. **Ellen de Lima**. Elenco brasileiro, 15 mar. 2023. Disponível em: <https://www.elencobrasileiro.com/2017/01/ellen-de-lima.html>. Acesso em: 11 abr. 2024.

HATTON, E. **Mechanisms of invisibility: rethinking the concept of invisible work**. Work, Employment and Society, v. 31, n. 2, 2017, p. 336-351.

HUPFER, Maria Luisa Rinaldi. **As Rainhas do Rádio: símbolos da nascente indústria cultural brasileira**. São Paulo: Senac Editoras, 2009.

INSTAGRAM. @ellen_de_lima_oficial. Disponível em: https://www.instagram.com/ellen_de_lima_oficial/. Acesso em: 11 abr. 2024.

INSTITUTO MEMÓRIA MUSICAL BRASILEIRA - IMMUB. **As eternas cantoras do rádio - vol. 2**. Disponível em: https://immub.org/album/as-eternas-cantoras-do-radio-vol-2-carmelia-alves-ellen-de-lima-nora-ney-violeta-cavalcanti-zeze-gonzaga-e-rosita-gonzales?interprete_1=ellen%20de%20lima. Acesso em: 11 abr. 2024.

INSTITUTO MEMÓRIA MUSICAL BRASILEIRA - IMMUB. **Ellen de Lima**. Disponível em: <https://immub.org/artista/ellen-de-lima>. Acesso em: 11 abr. 2024.

INSTITUTO MEMÓRIA MUSICAL BRASILEIRA - IMMUB. **LP Ellen... Canta!** Disponível em: <https://immub.org/album/ellen-canta>. Acesso em: 11 abr. 2024.

JAMBEIRO, Othon (et al.). **Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação**. Salvador: EDUFBA, 2004.

LENHARO, Alcir. **Cantores do Rádio - a trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo**. Campinas: UNICAMP, 1995.

MATOS, M. Izilda Santos de. **Dolores Duran: experiências boemias em Copacabana nos anos 50**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2005.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma história do sorriso**. São Paulo: Hucitec, 2016.

MATOS, Cláudia Neiva de. **Acertei no milhar: malandragem e samba no tempo de Getúlio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MENEZES, Lená Medeiro de; ROBERTI, Angela Maria (Org.). **Histórias de malditos e mal-ditos na história**. Rio de Janeiro: Ayran, 2022, p. 243-264.

MORAES, José Geraldo Vinci de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 20, n. 39, 2000, p. 203-221.

NAPOLITANO, Marcos. **História e Música**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NASH, M. (Ed.). **Presencia y protagonismo. Aspectos de la historia de la mujer**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1984.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi (et al.). **Estado Novo: ideologia e poder**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 167-177.

PARANHOS, Adalberto. **O roubo da fala: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil.** São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

PARANHOS, Adalberto. **Os desafinados: sambas e bambas no “Estado Novo”.** São Paulo: Intermeios, 2015.

PERROT, M. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.

PROGRAMAREVISTA. **Programa Re-Vista - Cantoras do Rádio - parte 1**, com Carmélia Alves e Ellen de Lima. YouTube, 17 set. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VqYBLOXTGUi>. Acesso em: 11 abr. 2024.

PROGRAMAREVISTA. **Programa Re-Vista - Cantoras do Rádio - parte 2**, com Carmélia Alves e Ellen de Lima. YouTube, 17 set. 2010. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=S_UoHsS_1qc&t=53s. Acesso em: 11 abr. 2024.

REVISTA DO RÁDIO. Rio de Janeiro, nº. 397, 20 abr. 1957, p. 45. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/144428/per144428_1957_00397.pdf. Acesso em: 11 abr. 2024.

REVISTA DO RÁDIO. Rio de Janeiro, nº. 737, 2 nov. 1963, p. 25. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/144428/per144428_1963_00737.pdf. Acesso em: 11 abr. 2024.

REVISTA DO RÁDIO. Rio de Janeiro, nº. 795, 12 dez. 1964, p. 8-9. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/144428/per144428_1964_00795.pdf. Acesso em: 11 abr. 2024.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Antônio Maria.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

TATIT, Luiz. **A canção: eficácia e encanto.** São Paulo: Atual, 1987

TREECE, David. **Animação suspensa: Movimento e Tempo na Bossa Nova.** ArtCultura, Uberlândia, 2008.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Cultura e poder político no Estado Novo: uma configuração do campo intelectual.** In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (et al.). *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba.** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/UFRJ, 1995.

WISNIK, José M. **Getúlio da Paixão Cearense (Villa-Lobos e o Estado Novo).** In: SQUEFF, Enio; WISNIK, Jose Miguel. **Música: o nacional e o popular na Cultura Brasileira.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

WISNIK, José M. Entre o erudito e o popular. **Revista de História**, São Paulo, 2007, p. 55-72.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz.** São Paulo: Cia das Letras, 2001.